

# O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM QUESTÃO: REALIDADE E NOVAS PERSPECTIVAS NO TRABALHO COM A LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA PÚBLICA.

**MEDEIROS, Aline Pedra<sup>1</sup>; GUSMÃO, Júlia Souza de<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> MEDEIROS, Aline Pedra; *Acadêmica do Curso de Letras – Português e Literaturas da Universidade Federal de Pelotas*; [alinepedeiros@hotmail.com](mailto:alinepedeiros@hotmail.com)

<sup>2</sup> GUSMÃO, Júlia Souza de; *Acadêmica do Curso de Letras – Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Universidade Federal de Pelotas*; [juhsouza@hotmail.com](mailto:juhsouza@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho destina-se a analisar o ensino de Língua Portuguesa nas escolas da rede pública. Busca-se, nessa perspectiva, fazer relações entre o conhecimento empírico presenciado em sala de aula e as teorias linguísticas estudadas pelos universitários, ao longo da vida acadêmica. Além disso, propõe-se a pensar em novas propostas de ensino que auxiliem tanto o trabalho do professor quanto o aprendizado dos alunos.

Para este estudo utiliza-se um suporte teórico baseado nas pesquisas de Antunes (2003, 2009), Geraldini (2001), Possenti (2001), entre outros que se propõem a pensar em um ensino que vise à interação.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Procede-se à análise do ensino de Língua Portuguesa nas escolas utilizando um corpus de dezesseis entrevistas realizadas com 8 professores e 8 alunos de escolas públicas - por meio de questionários com perguntas estruturadas de acordo com o perfil do entrevistado, isto é, professor ou aluno. Partiu-se de uma análise comparativa entre as respostas de cada pergunta, a fim de que se pudesse traçar um perfil do ensino de Língua Portuguesa, assim como propor possíveis mudanças que os auxiliem.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao questionar os alunos sobre o que é desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa, os discentes responderam que grande parte do tempo é destinado ao ensino da gramática: acentuação, grau de adjetivo, substantivos, uso dos porquês, discurso direto e indireto, etc. De acordo com Antunes (2009, p. 30):

[...] o trabalho da escola, à volta com as nomenclaturas, ou fechado na análise apenas sintática de frases soltas, de textos construídos artificialmente para exemplificar unidades lingüísticas tem, na grande maioria, deixado de fora a exploração de sentido das intenções, das implicações socioculturais dos usos da língua.

A partir dessa passagem, é possível verificar que ensinar somente nomenclaturas não proporciona o aprimoramento da competência de produzir enunciados adequados a diversos contextos, capacidade tão importante e necessária ao desenvolvimento da competência comunicativa.

No que tange à leitura, a partir das respostas dadas, percebe-se que os alunos leem mais fora do ambiente escolar do que nele, pois podem escolher assuntos que

acreditam ser necessários e interessantes para a sua vida, situação essa incompatível com a realidade vivida em sala de aula. Conforme Antunes (2003, p. 28) “uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras “cobranças”; leitura que é, assim, reduzida a momentos de exercício [...] não pode criar nem estimular o hábito de leitura em nosso aluno”.

Quanto à produção textual, todos os discentes responderam produzir textos em sala de aula. No entanto, ressaltaram que não há um planejamento, nem escolha do assunto e, ainda, frequentemente não possuem outro destino a não ser o próprio caderno.

Ao serem questionados sobre o que gostariam de aprender, os alunos demonstraram interesse em diversos assuntos, como estudar as qualidades e os defeitos de um texto escrito, textos mais reais com situações cotidianas, etc.

Após verificar o que os alunos acham das aulas de Língua Portuguesa e quais trabalhos são desenvolvidos nesse espaço, passou-se a conversar com os professores desta disciplina para investigar quais atividades estão sendo propostas e suas respectivas metodologias.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas pelos professores, foi observado que todos trabalham com leitura e produção de texto, porém ainda prevalecem exercícios gramaticais descontextualizados. Entretanto, apesar de ensinarem nomenclaturas, os professores dizem procurar desenvolver aulas interativas. Conforme Geraldi (2001, p. 41) uma aula baseada na interação é:

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor para um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando: com ela o falante age com o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

Quanto à comunicação, os professores observaram que seus alunos se comunicam oralmente entre si bem, pois praticam a fala informal diariamente. Entretanto, no que compete à habilidade da escrita, os professores relataram que a grande maioria dos estudantes encontra dificuldades. Segundo os professores, a escrita se torna um problema para os discentes porque eles produzem poucos textos e, além disso, fazem poucas leituras.

Ao abordar o papel da leitura em sala três professores relataram acreditar que é importante trabalhar tal competência para desenvolver a criticidade dos alunos. Outros disseram ainda que a leitura é importante para o aluno desenvolver a capacidade de interpretar qualquer texto e, por fim, os demais professores acreditam que a leitura tem um papel fundamental, pois os alunos que leem irão se comunicar e escrever melhor. O que foi relatado por alguns professores, quanto à importância do trabalho com a leitura para o desenvolvimento do senso crítico e interpretativo dos alunos, já foi elucidado por Freire (*apud* BORDINI e AGUIAR, 1987, p.11):

[...] a compreensão do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou de linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Ao analisar as entrevistas, nota-se um enorme distanciamento entre o ensino de língua materna que vem sendo trabalhado nas escolas e as perspectivas teóricas

contemporâneas, apresentadas ao longo do trabalho, estudadas no meio acadêmico.

O que se pode sugerir para alterar tal situação? Logo, apresentar-se-ão algumas atividades que poderão auxiliar tanto no trabalho do professor quanto na aprendizagem do aluno.

Acredita-se que os professores devam priorizar o trabalho com textos, ou seja, diversos gêneros textuais, que apresentem situações e objetivos diferentes, a fim de proporcionar aos discentes a ampliação da sua competência comunicativa. De acordo com Pereira, Pinilla, Costa e Oliveira (2006, p.29) “cabe ao professor, na sua interação com os alunos, desenvolver um trabalho adaptado às suas necessidades, enfatizando de início, os gêneros textuais com os quais o grupo tem maior afinidade”.

A partir dessa constatação, entende-se que o professor deve trazer, gradativamente, textos de diversos gêneros textuais que abordem assuntos do dia-a-dia dos alunos e que eles gostem, para que, assim, se identifiquem e aprendam a adequar seus textos e falas de acordo com as situações e os objetivos almejados.

A partir do texto, o professor deve fazer um trabalho de leitura, no qual os alunos identifiquem o gênero trabalhado e, partindo dos seus conhecimentos de língua, de mundo, das pistas deixadas pelo autor, das sinalizações linguísticas presentes no texto, construam e atribuam sentido a ele. Conforme Lajolo (2001, p.59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Após o trabalho de leitura, o professor deve aprimorar a competência linguística dos alunos através do trabalho com uma gramática funcional encontrada no texto, ou seja, no contexto de uso, como afirma Antunes (2004, p.96) “[...] uma gramática que tenha como referência o funcionamento da língua, o qual, como se sabe, acontece não através de palavras e frases soltas, mas apenas mediante a condição de texto”.

Além das leituras realizadas diariamente em sala de aula, outra maneira de incentivá-los a ler é propor que cada aluno escolha um livro de seu gosto e, ao final de cada trimestre, compartilhem com a turma. A partir da atividade de contar a história, de resumi-la, o professor pode e deve aprimorar também a competência oral dos alunos, mostrando a eles que, conforme os contextos de uso, eles precisam adequar suas linguagens, isto é, que existem diferenças entre a linguagem formal e informal, etc.

Quanto à produção de texto, o educador deve propor aos alunos atividades que tenham objetivo (o quê), finalidade (para quê) e destinatário (para quem), para que assim eles se motivem a escrever. Os temas de produção propostos deveriam fugir daqueles rotineiramente abordados em sala de aula, tais como “férias”, “dia das mães”, “dia dos pais”, etc., no qual o destino das produções dos alunos é a “lata de lixo”, já que, na maioria das vezes, não há um verdadeiro interlocutor. Logo, para mudar esse cenário, Geraldi (2001) sugere que o destino dos trabalhos seja: a produção de painéis, cartazes, cartas, livros, publicação dos melhores trabalhos em jornais locais, ou ainda no próprio jornal da escola, confeccionado pelos próprios alunos. No entanto, para se realizar essas produções, Antunes (2004) ressalta que é

necessário fazer um planejamento, ou seja, eleger o tema, os objetivos, o gênero e a formalidade, só então, escrever e, por fim, reler e fazer as mudanças necessárias para se chegar ao produto final que é o texto.

A partir dessas sugestões, acredita-se que as aulas se tornarão mais produtivas e agradáveis para os professores e os alunos.

#### 4 CONCLUSÕES

O estudo aqui exposto permite inferir que, embora o trabalho com a Língua Portuguesa nas escolas esteja mudando lentamente para uma concepção sociointeracionista, ainda há muita adesão ao ensino da gramática tradicional (Normativa). Constata-se, ainda, que os alunos também querem mudar essa perspectiva de ensino e inserir o texto, e conseqüentemente, a leitura e a interpretação como o objeto principal das aulas de língua.

Por fim, para que se tenha uma mudança efetiva nas metodologias adotadas pelos professores, é necessário que eles entendam e adotem a concepção de língua como interação e, conseqüentemente, adequem suas práticas a ela.

#### 5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORDINI, M; AGUIAR, V. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: GERALDI, João W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001, p. 39-46.

\_\_\_\_\_. **Unidades básicas do ensino de português**. In: GERALDI, João W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001, p. 59-79.

LAJOLO, Maria. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001, p.51-62.

PEREIRA, C.; PINILLA, M.; COSTA, M.; OLIVEIRA, M. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, M.; SANTOS, L. (orgs.). **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 27-57.